

EIXO TEMÁTICO: () Complexidade () Mobilidade (x) Memória () Sustentabilidade

CAMPO(S): () Teoria, História e Crítica () Projeto de Arquitetura (x) Projeto Urbano e Paisagístico
() Tecnologias do ambiente construído () Representação e Tecnologias da informação

INSERÇÃO: () Simpósio Temático (x) Artigo Completo

A Festa da Penha: romaria e demarcação de um lugar, diversão e reconquista da cidade

Penha's Festival: pilgrimage and demarcation of a place, fun and reconquest of the city

Adriana SANSÃO FONTES

Doutora em Urbanismo. Professora Adjunta da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro (FAU/UFRJ). adrianasansao@gmail.com

RESUMO

As festas são acontecimentos que rompem o ritmo cotidiano e introduzem novas apropriações do espaço coletivo, diferentes das habituais, dotando-o, geralmente, de novos significados. Além da transformação temporária da paisagem, com elas promove-se a aproximação de pessoas, incentivando a coesão social, que, em sua configuração habitual, a cidade não costuma alcançar. Argumento, nesse estudo, que as festas, enquanto intervenções temporárias que mudam a narrativa do espaço, têm a potência de deixar marcas permanentes, tanto materiais como imateriais. Para verificá-lo, o trabalho traz à tona um caso específico: a Festa da Penha, no Rio de Janeiro. Evento que faz parte da memória coletiva da cidade, a Festa da Penha coloca em contato o sagrado e o profano, estando entre seus legados a reconquista do espaço público a partir de novas apropriações; a ruptura do cotidiano, transformando os olhares sobre o lugar; o reforço dos laços comunitários entre os locais; as transformações materiais da revitalização motivada por sua presença ao longo do tempo; e a preservação da memória coletiva através da valorização do patrimônio material e imaterial do lugar.

PALAVRAS-CHAVE: Festas, Intervenções temporárias, Espaços coletivos, Memória coletiva.

ABSTRACT

Festivals are events that disrupt daily rate and introduce new appropriations of the collective space, different from the usual, proposing new meanings to the space. Besides the temporary transformation of the landscape, they promote the approach of people, encouraging social cohesion, which in its daily configuration, the city does not usually achieve. In this article, I argue that the festivals, as temporary interventions that change the narrative of space, have the power of leaving permanent marks, both material and immaterial. To verify it, this work brings up a specific case: Penha's Festival, in Rio de Janeiro. Part of the collective memory of the city, Penha's Festival puts in touch the sacred and the profane, leaving, as permanent marks, the reconquest of public space for new appropriations; the disruption of daily life, transforming the way of seeing place; the approach of the local community; the material transformations by the revitalization process, motivated by its presence in time, and, finally, the

preservation of collective memory through the enhancement of tangible and intangible heritage of the place.

KEY-WORDS: *Festivals, temporary interventions, Collective spaces, Collective memory.*

RESUMEN:

Las fiestas locales son eventos que cambian el ritmo cotidiano e introducen nuevas apropiaciones del espacio colectivo, diferentes de las habituales, lo que le aporta nuevos significados. Además la transformación temporal del paisaje, con ellas se promueve el acercamiento, fomentando la cohesión social, que en su configuración habitual, la ciudad no suele alcanzar. Argumento, en este artículo, que las fiestas, en cuanto intervenciones temporales que cambian la narración del espacio, tienen la potencia de dejar huellas permanentes, tanto materiales cuanto inmateriales. Como forma de comprobarlo, este trabajo plantea un caso concreto: la Fiesta de Penha, en Río de Janeiro. Evento que forma parte de la memoria colectiva de la ciudad, la Fiesta de Penha pone en contacto lo sagrado y lo profano, estando entre sus legados la reconquista del espacio público a partir de nuevas apropiaciones; la perturbación de la vida cotidiana, cambiando las miradas sobre el lugar; el fortalecimiento de los lazos entre la comunidad local; las transformaciones materiales de la revitalización motivada por su presencia en el tiempo; y la preservación de la memoria colectiva a través de la valorización del patrimonio tangible e intangible del lugar.

PALABRAS-CLAVE *Fiestas, intervenciones temporales, espacios colectivos, memoria colectiva.*

1 INTRODUÇÃO

Arquitetura trata tanto dos próprios espaços quanto dos eventos que tomam lugar nos espaços. (Tschumi, 1996: p. 13)

As festas são acontecimentos urbanos que rompem com o ritmo cotidiano e introduzem novas apropriações do espaço coletivo, diferentes das habituais, dotando-o, geralmente, de novos significados. Além da transformação temporária da paisagem, através delas promove-se a aproximação de pessoas, estranhas ou não, incentivando uma coesão social, que, em sua configuração habitual, a cidade não costuma alcançar, criando assim uma identidade local compartilhada (Pujol, 2007: p. 29).

Partindo do fato de que as festas alteram a cidade através da transformação dos seus fluxos ordinários (Pujol, 2007: p. 30), poderia identificar, na relação lugar-intervenção, duas cidades que se sobrepõem nesse espaço-tempo: a cidade cotidiana, caracterizada pelos fluxos repetidos, mundanos, cotidianos, e a cidade da festa, a que rompe com a continuidade e repetição, e propõe na primeira alguma subversão. Este artigo pretende refletir sobre as transformações do bairro da Penha decorrentes da celebração de sua festa mais popular - a Festa Religiosa da Penha, considerando a potência de seus fluxos extraordinários como desencadeadores de legados permanentes nesse lugar. Com isso, desejo defender a memória e a tradição da festa como uma importante atitude urbana em favor da qualidade dos espaços coletivos na cidade contemporânea.

2 FESTAS LOCAIS: INTERVENÇÕES TEMPORÁRIAS NOS ESPAÇOS COLETIVOS

Festas não são meras válvulas de escape. A vida festiva pode por um lado perpetuar certos valores comunitários [e mesmo garantir a sua sobrevivência] e por outro lado criticar a ordem política. (Davis 1987: 97 apud Bonnemaïson, 2008: p. 280)

Soler i Amigó (2001) argumenta que, em uma sociedade individualista e de massas, absortos em uma cultura do espetáculo, sentimos a necessidade de sermos comunicativos, o que nos leva a redescobrir e recriar a cultura festiva. Fazendo uma breve recuperação da festa, diz ele que, assim como a ágora grega e o foro romano, a cidade medieval dispunha de um espaço público por excelência, que era o lugar de lazer, comércio, trocas, jogos, negócios e festas, e as comemorações civis e religiosas ocorriam nas ruas desde aquela época. Com a revolução francesa, o caráter das festas entrou em transformação, passando a exaltar mais o cidadão e os valores de igualdade, liberdade e fraternidade do que a religião ou os costumes antigos. Já no século XX, todos esses valores evoluem, culminando na sociedade de consumo, onde os tempos festivos se convertem em tempos consumistas.

Bonnemaïson (2008) ressalta um momento histórico europeu, como um marco na reconquista da rua através da celebração, no caso não uma celebração qualquer, mas mais uma verdadeira revolução cultural, que foi maio de 68. Nesse momento, segundo a autora, a França sofria com greves e graves confrontos com a polícia, porém, diferentemente de revoluções anteriores, seu principal componente era a celebração, protagonizada por uma nova geração ansiosa pelo direito da expressão de alegria, prazer e sensualidade nos espaços públicos (2008: p. 275). Foi uma época em que Paris atravessava muitas transformações urbanas, que fragmentaram a experiência da vida cotidiana “em nome da modernidade”, o que pode ter sido o motor da produção das novas forças revolucionárias em reação a essa patente alienação. A particularidade de maio de 68 foi conceber a revolução como um festival, e essa demanda por prazer foi a sua subversão (Labrousse 1999 apud Bonnemaïson, 2008: p. 280).

Esse exemplo pode ajudar a iluminar casos recentes, já no século XXI, quando a festa ressurgue como uma reação ao individualismo e alienação pós-modernos, quebrando o ritmo do cotidiano e representando a reconciliação provisória dos contrários: ritual e espontaneidade, tradição e licença, religiosidade e profanação, caos e criação, ordem e desordem. Soler i Amigó (2001) coloca como constituintes da festa os seguintes aspectos: a festa marca os parênteses no ritmo do trabalho; representa uma oportunidade de libertação; comporta gratuidade, abundância e alegria, em oposição ao utilitarismo pragmático; dá outro sentido e valor ao tempo, mesmo que efêmero; vincula os membros de um grupo e regenera a identidade; segue algumas regras e protocolos, sem tirar a espontaneidade, a dimensão dramática e a imaginação criativa; é contrária à passividade e ao distanciamento [é essencialmente participativa], é um ato de consciência e cria um entorno estético e lúdico. A soma desses aspectos evidencia a sua intenção transformadora, e seu caráter de “intervenção temporária”, no sentido de uma “interferência” que visa influir sobre o desenvolvimento de determinado espaço.

3 A FESTA DA PENHA

Tabela 1: Dados gerais sobre a Festa da Penha

Frequência	Anual
Espacialização	Pontual e linear
Suporte espacial	Largo, ruas e escadarias
Status jurídico	Legal
Impulso	De cunho religioso, vem das peregrinações desde a criação da ermida
Intenção	Celebrar a Santa e socializar
Agentes	Irmandade [promotora da festa], com pequeno apoio do poder público, de empresas e da hierarquia religiosa. Comissão de moradores
Duração	4 ou 5 fins de semana do mês de outubro

Figura 1: Área da Festa da Penha
Fonte: Google Earth, 2010.



A motivação original da existência da Festa da Penha é religiosa. Embora tenha tido o sentido ampliado ainda em seus primórdios, tudo começou devido às peregrinações à antiga ermida localizada no alto da colina, onde hoje reside o santuário. As romarias ao local ocorrem desde 1713, quando peregrinos sobem os 365 degraus abertos na pedra que levam à igreja, a fim de agradecer as graças alcançadas ou rogar por seus entes queridos e participar das festividades.ⁱ A Igreja da Penha, localizada sobre a rocha na altura 69 metros, é forte referência na cidade, dominando a paisagem quando vista a grandes distâncias por quem está na zona norte da cidade (fig. 02).

Figura 2: Igreja da Penha
Fonte: Site Youpode, 2010.



Apesar de o caráter religioso dar os contornos oficiais ao evento, a Festa da Penha na verdade são duas. A originária, de cunho sagrado, acontece predominantemente “em cima”, e a festa “profana” e divertida é celebrada “embaixo”. É lá embaixo onde a cidade pulsa, onde o espaço público é apropriado por diferentes atividades, dotando a festa de um caráter cultural que vai além da religião, marcado pela música, pela capoeira, entre outras práticas populares espontâneas. A união das duas festas se materializa através dos percursos de seus usuários, sejam romeiros, sejam participantes em busca de diversão, os quais atravessam e unificam todos os espaços.

Alguns autores já trabalharam o tema da Festa da Penha em distintas abordagens. Sohiet (1998) trata a festa como o antecedente do Carnaval, desvendando o perfil social e histórico da cidade na virada do século XX. Menezes (1996) trabalha, em um estudo antropológico sobre a festa, com a problemática do poder e as demarcações das tensões e disputas entre a festa sagrada e a profana no decorrer da celebração. Correia (2006) aborda o tema da festa sob o viés histórico, centrando nas características da romaria portuguesa, sua organização e funcionamento. Esses estudos, entretanto, falam da festa sob os vieses histórico, sociológico ou antropológico, carecendo ainda de um estudo urbanístico mais aprofundado sobre o tema. Esta análise, portanto, pretende avançar nesse sentido. Cabe ressaltar que, após um breve histórico da festa tradicional, desejo centrar-me em seu aspecto contemporâneo, na forma como se operacionaliza hoje, após mais de cem anos de existência, na reconquista do espaço público para a expressão plena da coletividade.

Em primeiro lugar, analiso as características dos suportes físicos apropriados pela festa:

- Quais são as especificidades dos espaços coletivos que a acolhem?

Como continuação, avalio como a festa transforma fisicamente os espaços de forma temporária. Ou seja, de que forma o espaço físico existente é apropriado:

- Como é [espacial e esteticamente] essa festa? Ela modifica a forma, usos ou domínios do espaço existente? Como se dão os percursos da festa?

Finalmente, passo a avaliar como a festa modifica fisicamente os espaços de forma permanente:

- Há algo que permanece quando a festa termina? A festa revela algo diferente sobre o espaço? Que legado material [transformações físicas / marcas] e imaterial [aspectos menos tangíveis] permanece após a presença efêmera da festa?

4 SOBRE O BAIRRO

Antecedentes

O bairro da Penha e arredores,ⁱⁱ hoje denominados como os subúrbios da Leopoldina, foram áreas produtoras de açúcar da zona rural do velho Rio. Essa atividade ali se estabeleceu pela facilidade que o transporte marítimo oferecia, nos pequenos portos do Recôncavo, aos seus agricultores, (Gerson, 2000: p. 374) assim permanecendo por 200 anos, até a eclosão da crise da produção açucareira no início do século XIX.ⁱⁱⁱ Foi somente no final desse século que começaram a surgir os primeiros povoados no local, primeiro pelo parcelamento das terras agrícolas em propriedades menores, e depois, progressivamente, através de seu parcelamento em lotes urbanos.

Entretanto, foram os trilhos os maiores propulsores da suburbanização dessas antigas áreas rurais. A ferrovia começou a funcionar na década de 1880, sendo inaugurada a estrada de ferro D. Pedro II e as primeiras estações do Campo de Santana em diante, servindo os subúrbios da Leopoldina antes distantes da cidade (Gerson, 2000: p. 366). A década de 1920 marcou um intenso crescimento dessa zona, que passou a concentrar 30% das novas construções da cidade.

A Igreja da Penha foi inaugurada em 1872, porém, desde o século XVII já era praticada a devoção à Santa na Penha. Em 1635, foi construída uma ermida dentro de uma fazenda da região,^{iv} que, posteriormente, em 1728, se converteu em uma capela, e somente em 1870 teve início a construção da nova igreja e a abertura de uma estrada de acesso. Esse momento representou o apogeu da Penha. As primeiras ruas do bairro datam da passagem do século XIX para o XX, partindo da Estrada da Penha e seus atalhos. Até a virada do século o bairro não contava com mais de 12 ruas (Gerson, 2000: p. 386).

O bairro hoje

Hoje, com o crescimento da área suburbana, o bairro da Penha resultou em uma área atravessada pela estrada de ferro Leopoldina que demarca dois lados. A área de estudo localiza-se na parte sul, adjacente à linha férrea. Essa área foi, há pouco mais de dez anos, objeto de um grande investimento público com o Projeto Rio Cidade, responsável pela reurbanização de espaços públicos e implantação de novas infraestruturas.^v

Para dar início a uma análise do espaço físico do bairro, adotarei as categorias de análise que partem da observação de algumas de suas características marcantes como a **morfologia**, a **arquitetura**, o **plano suporte**, os **domínios** e os **percursos**. Esta análise se baseia em uma aproximação empírica, a partir da própria observação *in loco* baseada nas questões preliminares da pesquisa. Com isso desejo dar conta das suas principais qualidades físicas.

Características principais

[A] Morfologia

O tecido urbano do recorte em estudo é composto por uma malha irregular de ruas e quadras, limitada pelo traçado da ferrovia e recortada pela grande área verde da colina do santuário. As quadras são ocupadas fundamentalmente por edificações coladas nas divisas e de baixo gabarito, que, no entanto, não conformam uma massa homogênea, devido à heterogeneidade de alturas e às rupturas causadas por alguns edifícios isolados ou de grande porte. A rua de maior homogeneidade morfológica é a Rua dos Romeiros, que parte da estação e aponta para o portão da Irmandade (fig. 03). Na parte sul da colina do santuário, há uma ocupação informal de grande densidade que funciona como um “enclave” na forma urbana do bairro, que é a favela Vila Cruzeiro.

Essa área de análise pode ser encarada como uma das centralidades do bairro da Penha, uma área de fluxos que se dilata em um largo, concentrando o uso misto, com maior predominância de comércio.

Figura 3: Morfologia Rua dos Romeiros
Fonte: Autor, 2010.



[B] Arquitetura

A arquitetura local ilustra apropriadamente o conceito de Rossi (1966) sobre a oposição monumento [elemento primário] x tecido residencial:^{vi} a igreja da Penha desempenha forte hierarquia, estando o tecido residencial “abaixo” [ou que contemporaneamente poderia chamar de tecido multifuncional] servindo de pano de fundo no cenário do lugar. Apesar desse contraste, o tecido residencial é bastante heterogêneo, o que tampouco impede que se identifique a unidade básica de parcelamento, de aproximadamente 8 m de testada por grande profundidade, variável entre 20 e 50 m (fig. 04).

Figura 4: Estrutura parcelária principal
Fonte: Autor, sobre foto Google Earth, 2010.



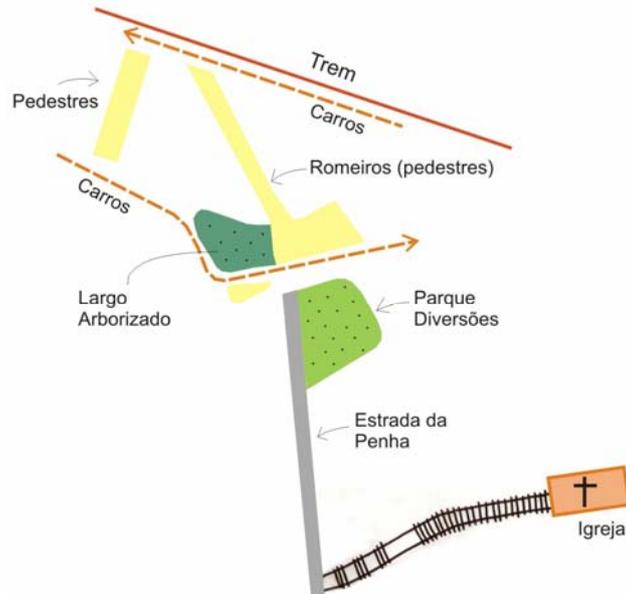
[C] Plano suporte

O bairro compõe-se de tipos de plano suporte bastante diversos. As ruas formam uma hierarquia de tráfego, onde a Av. Brás de Pina e a Rua José Maurício, de aproximadamente 12 m de largura, concentram o fluxo de veículos, liberando as ruas transversais [Romeiros e Plínio de Oliveira] para domínio dos pedestres, com piso nivelado, sem caixa de rua. A Rua dos Romeiros é totalmente livre para o passeio e conta com iluminação especial, configurando o percurso em arcos até a igreja, enquanto a Rua Plínio de Oliveira é tomada pelo comércio informal. Ladeiras de pouco tráfego e escadarias de acesso à Igreja encontram-se dentro dos limites da Irmandade, pavimentadas de paralelepípedos ou asfaltadas.

A Rua dos Romeiros dilata-se formando o Largo da Penha, de aproximadamente 60 x 120 metros, que tem o mesmo tipo de pavimento, sendo, porém, dividido em duas partes. Uma, seca, representando a continuidade da rua e apontando para o portão de acesso à Irmandade, e outra, cercada, mobiliada com muitos bancos e arborizada, constituindo-se na área de lazer principal do lugar, mais resguardada.

A Estrada da Penha, ainda na parte plana, porém dentro dos limites da Irmandade, funciona como uma transição entre a “cidade” caótica e ruidosa e o microclima do santuário, silencioso e elevado. Essa área de transição tem momentos distintos, passando pelo plano liso, a ladeira em paralelepípedos, a escada-rampa e o largo superior, até alcançar a famosa escadaria escavada na rocha (fig. 05).

Figura 5: Tipos de plano suporte da área
Fonte: Autor, 2010.



[D] Domínios

Existe no tecido urbano da Penha a distinção clara entre o público e o privado, estando seu limite nos alinhamentos das edificações que definem as quadras. No entanto, esse dado passa a ser menos importante do que a dominância do espaço coletivo, representado por toda a área livre da Irmandade e do Santuário. É esse espaço, de propriedade privada e uso público, o que mais fortemente caracteriza a área de estudo (fig. 06).

Figura 6: Limite Irmandade
Fonte: Autor, 2010.



[E] Percursos

Os fluxos cotidianos mais intensos aparecem na Rua dos Romeiros, devido à maior concentração comercial e à proximidade da estação (fig. 07), mas de modo geral as calçadas de toda a área são muito ativas. A área da irmandade, em contraste, é bastante vazia fora dos horários de eventos da Igreja. Os fluxos ficam restritos à população que vive na comunidade adjacente e que eventualmente a acessa pela Estrada da Penha.

Figura 7: Principais fluxos de pedestres
Fonte: Autor, 2010.



5 SOBRE A FESTA

Antecedentes

Segundo as fontes pesquisadas (Sohiet, 1998; Simas, 2006), “reza a lenda” que a festa de louvação a Nossa senhora da Penha de França teve sua origem na gratidão de um português que, na iminência de ser picado por uma cobra, foi salvo após rogar misericórdia à santa. A festa surge, portanto, para louvar um milagre (Simas, 2006). Muito tempo transcorreu após esse incidente, e, desde os primeiros anos do século XX, a Festa da Penha é considerada a maior festa popular religiosa carioca. É celebrada anualmente na primeira semana de outubro, mas costuma se estender por todo o mês, mais intensamente nos fins de semana.

A festa ganha mais sentido ao relacionar-se com a expansão da cidade, e pode-se dizer, nesse caso, que ambas evoluíram juntas. Em tempos em que a Penha era um bairro distante da área central, o acesso do público à festa se dava através das barcas da Cantareira [no porto de Maria Angu] e, depois, a pé, de carroça ou cavalo (Gerson, 2000: p. 386). Tratava-se de um longo percurso, carente de transportes públicos. Um dos fatores para o crescimento da festa foi a gradual melhoria dos transportes [principalmente do trem] e das vias de acesso.

Desde as origens, a Festa da Penha é formada por duas partes. A parte sagrada é celebrada “em cima”, lugar de missa e celebração. É lá o ponto final da romaria, uma onda humana que parte “debaixo” e sobe a colina até galgar a escadaria, descalça ou de joelhos. A festa costumava ter

tanta adesão popular que em 1885, data de 350 anos de devoção à Santa, estimaram-se dois milhões de pessoas.

Além do culto à Santa, a Festa da Penha do lado “debaixo” foi um importante centro musical para portugueses, negros e mestiços. A parte “profana” da festa, concentrada no Largo da Penha [o arraial], começou como uma celebração portuguesa de danças tradicionais, mas que, posteriormente, passou a ter o predomínio da cultura negra através da batucada, da capoeira e da macumba. A popularização do samba na festa se dá em 1910, quando os compositores passam a lançar suas músicas, culminando nos concursos musicais com prêmios. Ademais, barracas de comida adornadas com bandeirinhas coloridas e galhardetes criavam a espacialidade do evento, mantendo viva a festa durante todo o mês.

O elemento de união da festa “debaixo” com o culto “de cima” era a romaria. À medida que esta se afastava do Largo e alçava a subida na colina, o clima da festa mudava, deixando a desordem para trás. O elemento humano era a união das festas, já que, por vezes, as mesmas pessoas participavam de ambas.

Na Belle Époque carioca, período de modernização inspirado em modelos europeus, as manifestações populares passaram a ser perseguidas como algo bárbaro e ultrapassado. Foi uma época marcada pela alternância entre tolerância e repressão, sobre os segmentos mais populares da festa.

Soihet (1998) demonstra, no entanto, que apesar da implicância das autoridades com o violão, o samba e o batuque, vistos como fontes de desordem, as proibições explícitas não costumavam ser tão frequentes (Abreu, 1999: p. 344). Oliveira (2007) observa que essa repressão advinha em parte da dinâmica dos conflitos que acontecia na própria “cidade”, território em plena expansão e modernização. Pouco depois, na década de 1930, verifica-se o esvaziamento desse tipo de manifestação musical.

A festa hoje

Apesar de ter passado por esvaziamento no passado, a festa se mantém até hoje como a solenidade religiosa mais popular da cidade. As festividades se estendem de 2 a 31 de outubro^{vii} e atraem milhares de pessoas, rompendo a rotina do lugar. Como não se trata de um feriado, a movimentação ocupa fundamentalmente os horários de lazer [noite e fins de semana], tendo maior fluxo aos domingos.

Na tarde do sábado, véspera do primeiro domingo, a imagem peregrina da santa vem, em procissão, da paróquia de Bom Jesus ao santuário. Segundo Menezes (1996), “A subida até a santa é a preocupação imediata da maioria dos que vão à festa: primeiro, a obrigação de visitar N. S. da Penha, de saudá-la. Mas a volta representa o momento de diversão depois da obrigação cumprida, a qual também desempenha um papel fundamental” (fig. 08).

Nesses últimos anos, muito por causa do aumento da violência, proveniente do domínio das comunidades locais por facções criminosas,^{viii} e, parcialmente, devido à pouca atenção dada pela mídia, foi observado um esvaziamento na festa. O ano marco do enfraquecimento foi o de 2004, quando a festa religiosa quase não aconteceu por uma suposta ameaça dos traficantes locais. Nesse período, havia muito que a festa “profana” já não ocorria, tendo ficado 20 anos suspensa pelos mesmos motivos. O ano de 2010 marca, portanto, o ressurgimento da celebração após experiência realizada em 2009. Os traços da atual festa são os mesmos da do

passado, exceto pela tentativa de reconquista, pela comunidade, do espaço antes tomado pela violência.

Figura 8: Procissão de abertura da Festa
Fonte: Autor, 2010.



Atores

A Irmandade é a organizadora e promotora da festa religiosa. É ela que a financia, através do dinheiro vindo de doações, define o calendário de eventos e gere o comércio dentro de sua área. A Prefeitura apoia o evento, normalmente, através de material de divulgação, além de conceder as licenças necessárias para seu funcionamento. Alguns parceiros privados, como universidades e comércio, ajudam entre outras formas com pequenas quantias em dinheiro. Com poucos recursos, a Irmandade conta com atividades cujos artistas se disponham a participar sem cachê. A organização da festa “profana”, por sua vez, está a cargo de uma comissão de seis moradores, responsáveis pelos contatos com os órgãos públicos, pagamento de licenças e gestão das barracas montadas no espaço público.

Usos

Segundo Augoyard (1979: p. 101), a essência da vida coletiva no meio urbano se define, não somente pela oposição entre grupos sociais, mas, por uma constante tensão entre a espacialidade construída, livre ao uso, e a desconstrução retórica desse espaço, feita em proveito da expressão de estilos de vida. Essa colocação é bastante pertinente quando aplicada, tanto na relação entre a vida cotidiana e sua ruptura pela festa, quanto na relação entre os próprios grupos sociais que participam desses festejos, o que no caso da Festa da Penha se faz ainda mais evidente.

Considerando que existe a festa “de cima” e a “debaixo”, as atividades praticadas na festa “debaixo” são predominantemente as relacionadas à comida e à música. São instaladas, anualmente, barracas padronizadas de comida e bebida, muitas vezes com mesas, e se organizam shows e eventos culturais, com bandas de música, cantores, ritmistas, ou “DJs”. A oferta de comida e bebida é fundamental para a vitalidade da festa, diversificada desde ambulantes de pipoca, de pequenas barracas de doces, até quiosques que servem jantares. Outras atividades organizadas no “arraial” são as feiras para venda de objetos, relativos ou não

à igreja, barracas de jogos [roleta, tiro ao alvo, argolas, pescaria] bem como parque de diversões. Todas estas atividades ocorrem simultaneamente, acarretando um movimento constante na área.

A parte “sagrada” é também ocupada por barracas, na tentativa de se conjugar diversão à devoção. Estas não são padronizadas, diferentemente das do lado de fora, e seus proprietários pagam taxa de acordo com seu tamanho e atividade. A área costuma ser também ocupada por ambulantes, que, da mesma forma, pagam taxa, porém levam estruturas desmontáveis. Mantendo a tradição das origens, desde a década de 1960, pratica-se a dança folclórica portuguesa, no pátio da Irmandade, localizado antes da subida da escadaria de pedra.

Como se apropriam os espaços

[A] Morfologia

Poderia caracterizar a morfologia da festa como a soma da ocupação pontual com a linear. A “pontual” se resume ao Largo da Penha, o centro da festa “profana”, ponto de contato entre os dois lados, e o que concentra a intervenção física, por sua dilatação e disponibilidade de áreas livres. Ele é apropriado fundamentalmente por barracas, deixando livre o percurso demarcado pelos arcos vermelhos que ligam a estação ao portão da Irmandade. Em virtude do porte não tão grande do evento, nos dias atuais, o tráfego não é mais interrompido como no passado. No entanto, acredito que esse é um dado variável, e que, com o crescimento da festa, a postura da Prefeitura tende a ser revista.

O componente “linear” da intervenção está dentro da área da Irmandade, onde, por sua vez, todas as ocupações se dão de forma a configurar o percurso ascendente em direção à Igreja. O percurso total [Largo da Penha até a Igreja] totaliza 700 m de caminhada.

[B] Arquitetura

A arquitetura da festa se resume às barracas, tanto fora quanto dentro da Irmandade. As barracas do “arraial”, cerca de 30, estão dispostas de forma paralela, formando corredores, ou deixando espaços, como largos, entre elas, permitindo a ocupação por mesas. Ademais, costuma ser construído no arraial um pequeno palco para shows, localizado na periferia do largo. As barracas dentro da irmandade formam um corredor, e ocupam a área mais próxima do portão, não chegando muito perto do santuário (fig. 09).

Figura 9: Barracas padronizadas
Fonte: Autor, 2010.



[C] Plano suporte

As áreas peatonais do Largo da Penha [duas áreas cortadas pela Av. Brás de Pina] são o espaço coletivo mais adequado para apropriação com barracas, uma vez que são superfícies mais “limpas”, com poucos elementos construídos, e que, caso fosse interrompido o tráfego, poderiam conformar uma área mais contínua e fluida (fig. 10).

Figura 10: Ocupação do Largo da Penha pela Festa
Fonte: Autor, 2010.



[D] Domínios

A oposição que ganha relevo, no caso da Festa da Penha, não é tanto o público x privado, mas sim a relação sagrado x profano. Esta dualidade é a que sugere demarcar o espaço, polarizando os domínios entre o “em cima” e o “embaixo”. No entanto, a festa deve ser entendida de forma mais complexa, como uma resultante da interação de diversas interpretações sobre essa relação, postas em contato durante a intervenção. Segundo Menezes (1996), não se vê

fisicamente na vivência da festa essa separação que o espaço de certa forma tenta impor. A linha limite é constantemente rompida pelos próprios usuários, que vêm de baixo para cima, em romaria, e se apropriam desse espaço. E são os mesmos que, após a celebração, vão se fundir à multidão e participar da festa “de baixo”. Nesse sentido, outra associação possível seria a diluição entre os domínios da Irmandade e os da cidade, aí, sim, o privado e o público, que se dá através da “subversão” dos próprios usuários (fig. 11). Ou, mesmo, a intensificação do espaço coletivo, uma vez que a área da Irmandade, já de uso público no cotidiano, é massivamente tomada pela população, que vai exercer a coletividade com maior proximidade, e mais intimidade.

Cabe chamar a atenção para a área intermediária entre o “em cima” e o “embaixo”, que seria a área da Irmandade, já dentro de seu limite murado, porém abaixo do santuário. Essa área “entre” materializa claramente a diluição dos limites, onde o profano invade o sagrado e vice-versa.

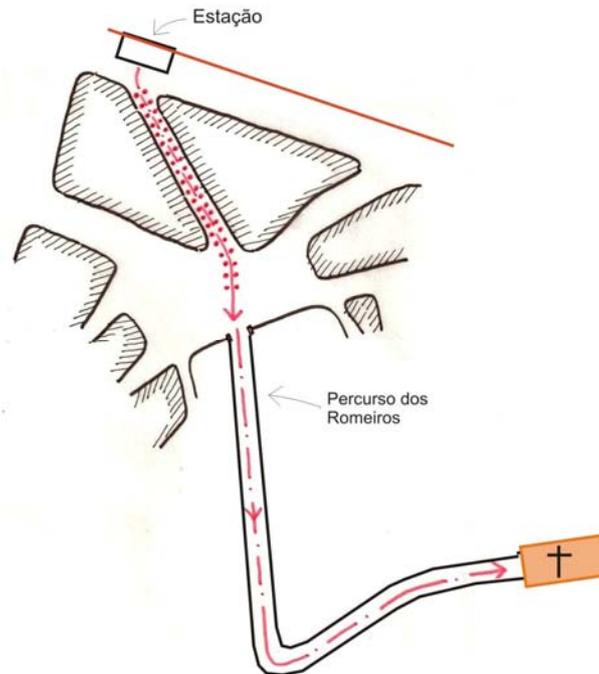
Figura 11: Subversão no Sagrado
Fonte: Autor, 2010.



[E] Percursos

Poderia destacar três percursos que ilustram a relação lugar-intervenção na Festa da Penha. O primeiro é o antigo percurso da Rua dos Romeiros, que marca a divisão entre o mundo do cotidiano e o mundo da festa. Este se materializa nessa rua através do fluxo de pessoas, que acedem ao bairro pelo trem e se dirigem ao santuário (fig. 12).

Figura 12: Percurso de 700 m dos romeiros
Fonte: Autor, 2010.



A procissão de abertura da festa é a segunda linha efêmera identificada. Inicia-se em uma igreja, atravessa o Largo da Penha e ascende por ladeiras e escadas, até alcançar o pátio do santuário, cruzando três territórios distintos: o parque [antigo arraial, localizado na parte baixa], a Irmandade [área desde a grade, diante do Largo da Penha, até o limite do santuário] e o próprio santuário. Essa área da Irmandade seria uma zona intermediária, já de domínio do “sagrado”, estando, no entanto, em contato mais direto com a festa do arraial, e caracterizada também pela existência de comércio.

O terceiro percurso é a procissão de encerramento, mais popular, que sai do santuário, desce até o largo, circula por algumas ruas do bairro, para congregar a população, e volta ao ponto de partida. Essas três linhas são as principais interseções entre cidade e festa, que deixaram, através do tempo, diferentes legados para o lugar.

6 RESULTADOS

Previamente, havia proposto algumas questões: Quais são as especificidades dos espaços coletivos que acolhem a festa? Como a festa transforma fisicamente os espaços de forma temporária? Modificam-se a forma, os usos ou os domínios? Como a festa modifica fisicamente os espaços, de forma permanente? Há algo que permanece quando a festa termina? A festa revela algo diferente sobre o espaço? Que legado material [transformações físicas / marcas] e imaterial [aspectos menos tangíveis] permanece após a presença efêmera da festa?

Poderia concluir parcialmente afirmando que, enquanto evento tradicional do calendário da cidade, a Festa da Penha é uma forte referência afetiva para o lugar, cuja particularidade já deixou durante a história alguns legados materiais e imateriais no espaço urbano. Atualmente,

após anos de opressão e inoperância, ela continua a deixar marcas, residindo a sua contemporaneidade na ação de progressiva reconquista do espaço público e no reconhecimento de sua importância imaterial no contexto da metrópole.

Alguns pontos merecem ser destacados:

1- A festa tem como centro irradiador o santuário, que através do tempo foi ampliando os espaços de apropriação por sobre o tecido do bairro. Nesse sentido, o Largo da Penha, por suas características espaciais, se mostra como o espaço mais apropriado para a dilatação da festa religiosa na “cidade”.

2- As transformações temporárias, em relação à forma do espaço, se restringem à gradação de barracas, que começam rarefeitas dentro dos limites da Irmandade e se expandem de forma a tomar todo o largo. Quanto aos usos, o lazer se intensifica, tomando conta de um lugar que é cotidianamente de domínio comercial e de circulação. No entanto, a maior transgressão se dá na diluição dos domínios - no caso, o sagrado e o profano – através da criação de um campo de lazer, que se expande dentro dos limites da Irmandade [privada] e, ao mesmo tempo, através dos percursos sagrados que atravessam o espaço “profano” [público]. Isso, sem contar a já tradicional lavagem da escadaria, evento que é uma verdadeira festa popular, principalmente para as crianças, trazendo muito da descontração da festa que acontece “embaixo”, para o ambiente mais solene “de cima”. Todos esses espaços potencialmente atraentes para a realização da festa são responsáveis pela intensificação da intimidade entre os participantes, rompendo temporariamente a linha contínua da vida cotidiana.

3- A retomada da festa no “arraial” no ano de 2010 e o total domínio do espaço coletivo disponível indicam o possível crescimento futuro da intervenção, onde o fechamento das ruas, segundo os entrevistados, significará a possibilidade de programação de mais atividades, e assim sucessivamente. Quanto mais espaços disponíveis, mais apropriação, coletivização e vitalidade urbana.

4- Pelas características topográficas peculiares do sítio, é impossível imaginar a realização da festa em outro local, sendo notória a contaminação que o lugar exerce na forma a mesma. No entanto, a intervenção também afeta o lugar. Poderia identificar alguns legados permanentes da realização da festa.

- O primeiro deles se refere justamente à importância dada à romaria. Em ocasião do projeto Rio Cidade, no ano de 1994, foi intenção do projeto a demarcação física do percurso dos romeiros, como uma forma de eternizar essa manifestação efêmera que atravessa o espaço (fig. 13). Segundo publicação sobre o projeto:

Especial atenção foi conferida à iluminação pública que, cenograficamente, realça ambientes e elementos específicos, construindo um percurso virtual que se inicia na Estação da Penha, perpassa a sequência de arcos dispostos ao longo da Rua dos Romeiros e alcança o portal formado por duas colunas existentes aos pés da escadaria que conduz à Igreja de Nossa Senhora da Penha. (In: *Rio Cidade: o urbanismo de volta às ruas*)

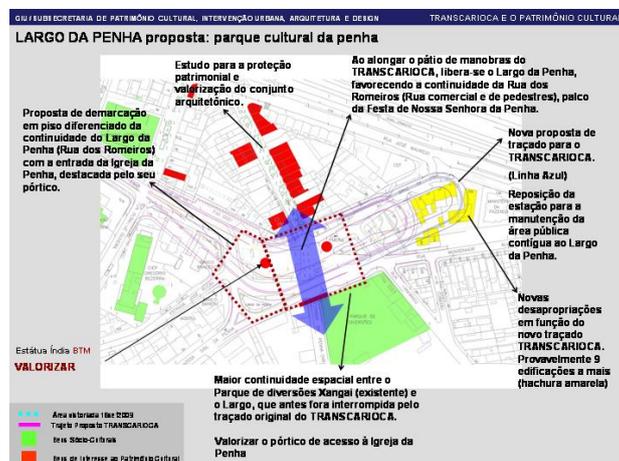
Figura 13: Rua dos Romeiros recém inaugurada
Fonte: Autor, 1996.



A demarcação do percurso acontece na área “embaixo”, na Rua dos Romeiros. Além dessa intervenção principal, o projeto buscou ainda valorizar a tradição festeira do bairro com construção de pequeno palco para espetáculos e ampliação ou regularização da área de domínio dos pedestres. Essas intervenções mostram o reconhecimento em um mesmo espaço físico dos dois “ambientes” da festa.

- O segundo legado, atualíssimo, se refere à preservação do patrimônio imaterial da festa. Em virtude da criação da Transcarioca, via que ligará a Penha à Barra da Tijuca, através de ônibus articulados em vias exclusivas, algumas alterações viárias foram previstas justamente no Largo da Penha, coração da festa, transformando-o no ponto final de retorno dos ônibus. Essa alteração romperia a ligação entre a Rua dos Romeiros e o portão de acesso ao santuário, afetando vários bens do patrimônio cultural e, principalmente, desconfigurando o território da festa. A Secretaria de Cultura elaborou relatório, solicitando a modificação do traçado da via,^{ix} reconhecendo a festa como patrimônio cultural da cidade, bem como a importância de sua continuidade no local. Dessa forma, igualmente se reconhecem as duas facetas da festa, tanto a conectividade entre a Rua dos Romeiros e a Igreja, como também a importância da manutenção do suporte espacial principal da festa “profana”, o Largo da Penha (fig. 14).

Figura 14: Proposta para mudança do traçado da Transcarioca
Fonte: Secretaria do Patrimônio PCRJ.



Por todo o dito, é importante entender a potência da romaria - esse percurso efêmero responsável pela leitura contínua da festa e pela união de seus domínios sagrado e profano - na qualificação dos espaços, ao inscrever uma linha imaginária na paisagem. É dela que persiste o legado imaterial, intangível, que é a própria memória da festa, que motiva as transformações materiais desse espaço, advindas do entendimento da importância da romaria como intervenção no lugar.

Finalmente, colocaria a reconquista do espaço público como seu principal legado, revelador da forma de operação da festa na contemporaneidade: o renascimento da festa tradicional, após anos de suspensão, significa a reafirmação da própria identidade do lugar. Segundo os organizadores da festa do "arraial", a expectativa para 2010 é a de receber três mil pessoas por dia festivo. Em se tratando de um território recentemente abatido pela violência e pelo poder do tráfego, essa massa concentrada pontualmente no Largo da Penha é bastante significativa, e revela a potência da intervenção temporária como ferramenta para desencadear uma gradual transformação urbana, intensificando as relações de vizinhança, a intimidade [relação pessoa-pessoa], bem como o sentido de pertencimento ao lugar e à comunidade.

A intervenção, ademais, faz com que surja um novo lugar na festa, cotidianamente oculto pelos fluxos de veículos e pessoas, pelo comércio informal e pela desordem urbana: um grande largo que é a mistura de parque de diversões, sala de jantar, mercado e casa de shows. Esse espaço, emblemático do passado da festa, e cuja transformação na década de 90 se deve à memória dos dias festivos, volta a romper a escritura cotidiana do bairro, revelando-se como um lugar amável ao uso e à vida compartilhada.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O legado material deixado pela intervenção - a inscrição permanente do percurso da Festa da Penha - é a maior prova da potência do temporário, da memória e da tradição na promoção de transformações físicas de fato. A linha que demarca o percurso dos romeiros formalizou o que já fazia parte da memória coletiva do lugar, e que, recentemente, acabou virando símbolo do espaço público revitalizado, apesar da precariedade dos espaços públicos da zona norte carioca, relegados ao segundo plano, frente a áreas mais nobres da cidade.

Para terminar, gostaria de ressaltar que as marcas do temporário são construídas no movimento e no tempo, são sutis e se ancoram firmemente no lugar. A Festa da Penha, um dia homenageada através de um processo de revitalização, mais uma vez renasce com potência transformadora, em prol do resgate do espaço público esvaziado e deteriorado. Com isso, acrescento que, com o percurso através do temporário foi possível aprender que as intervenções têm o potencial de "salvar" lugares, fundamentalmente os espaços desqualificados por muitas vezes criados pela própria dinâmica da cidade contemporânea.

8 AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha orientadora de Doutorado Lucia Costa e a meu co-orientador Joaquín Sabaté, pelas valiosíssimas contribuições para essa pesquisa.

9 REFERÊNCIAS

- ABREU, M. *O Império do Divino. Festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro, 1830 – 1900*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- AUGOYARD, J-F. *Pas à pas. Essai sur le cheminement quotidien em milieu urbain*. Paris: Éditions du Seuil, 1979.
- BONNEMAISON, S.; MACY, C. (Ed.). *Festival Architecture*. New York: Routledge, 2008.
- CORREIA, K. G. *Festa da Penha: uma romaria portuguesa nos arredores da cidade do Rio de Janeiro*. (Monografia) IFCS/UFRJ, 2006.
- GERSON, B. *História das ruas do Rio*. Rio de Janeiro: Lacerda Ed., 2000. (Ed. original 1963)
- MENEZES, R. C. *Devoção, diversão e poder: um estudo antropológico sobre a festa da Penha*. (Dissertação de Mestrado) Museu Nacional/UFRJ, 1996.
- OLIVEIRA, V. S. *Uma orgia campestre: repressão, resistência e cultura popular na Festa da Penha. 1890-1922*. (Monografia) IFCS/UFRJ, 2007.
- PUJOL CRUELLES, A. "Festejar la calle". In: *Revista Neutra*, no. 16, Sevilla, 2007.
- Rio Cidade. O Urbanismo de volta às ruas*. Rio de Janeiro: Mauad, 1996.
- ROSSI, A. *La arquitectura de la ciudad*. Barcelona: Editorial Gustavo Gilli, 1995. (Ed. original 1966)
- SIMAS, L. A. "A Festa da Penha". In: *Histórias do Brasil*. Disponível em <http://hisbrasil.blogspot.com/2006/11/festa-da-penha.html>, 01/11/2006.
- SOHIET, R. *A subversão pelo riso: Estudos sobre o carnaval carioca, da Belle Epoque ao tempo de Vargas*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- SOLER i AMIGÓ, J. *Cultura popular tradicional*. Barcelona: Pòrtic, 2001.
- TCHUMI, B. *Event-Cities*. Cambridge: The MIT Press, 1996. (Ed. original 1994)

8 NOTAS

- i Fonte: Acervo da Subsecretaria de Patrimônio Cultural da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro – SMC/PCRJ – Ficha Cadastral do Santuário Mariano Nossa Senhora da Penha de França.
- ii Na época, estas áreas eram denominadas como Freguesias do Engenho Novo, Inhaúma e Irajá [que envolvia zonas vastas que iam de Inhaúma até a Pavuna, Penha, Campo Grande e arredores].
- iii A crise resultou do aumento populacional ocasionado pela vinda da família real em 1808 e da incapacidade de competir com outros centros de maior produção para abastecer este novo contingente. Fonte: Acervo da Subsecretaria de Patrimônio Cultural SMC PCRJ – Ficha Cadastral da Igreja da Penha.
- iv A devoção à N. S. da Penha de França teve sua origem em Penha de França, na Catalunha, onde um peregrino francês encontrou uma imagem de virgem, ainda antes do descobrimento do Brasil.
- v Projeto de autoria de Pedro Paulino Guimarães, 1994.
- vi Segundo a leitura da cidade proposta por Rossi, a arquitetura residencial constitui a maior parte da superfície urbana e raramente apresenta caráter de permanência, enquanto o monumento, ou elemento primário, ao contrário, tem caráter decisivo na formação e constituição da cidade por seu caráter permanente.
- vii Período da festa no ano de 2010.
- viii Cabe ressaltar que no período final de elaboração deste trabalho, a Comunidade Vila Cruzeiro foi pacificada pelo Governo do Estado através da Polícia Militar. No entanto, fiz a opção por não alterar o caso que já estava escrito, porque no momento da realização da última edição da festa esse quadro ainda não havia sido alterado.
- ix Dossiê elaborado no ano de 2010.